

## Filosofar é olhar para, ad-mirar; educar é atrair o olhar para, seduzir

Pedro Geraldo Aparecido Novelli

Departamento de Educação, Instituto de Biociências, Unesp, C.P. 510, 18618-000, Botucatu-São Paulo, Brazil.  
e-mail: educacao@ibb.unesp.br

**RESUMO.** A Filosofia é uma atitude individual? Sua origem está no afastamento, no isolamento? A admiração é o ponto considerado para se mostrar que o olhar para o outro, o reconhecimento da alteridade, é o ponto de partida da Filosofia, revelando, assim, seu caráter essencialmente relacional. De igual modo, a educação é a busca do outro e a preservação deste é a garantia da relação que, por sua vez, garante a própria educação.

**Palavras-chaves:** filosofia, educação, admiração.

**ABSTRACT.** **Philosophizing is to look at, to admire; educating is to attract the looks, to seduce.** Is philosophy an individual's disposition? Does its origin reside in distancing, in isolating? Admiration is the crucial point in demonstrating that looking at the other or recognizing the alterity is the starting point of philosophy, thus revealing its essentially relational character. Similarly, education is the search for the other whose preservation is the guaranty of educational relationship.

**Key words:** philosophy, education, admiration.

### A Filosofia e a admiração

A Filosofia possui uma estreita relação com temas como pensamento, reflexão, crítica, análise etc. Não é incomum que tais temas sejam atribuídos às atividades do indivíduo, o que acarreta a afirmação de que a Filosofia seja sinônimo de isolamento, de solidão, de individualismo, etc. Investigando a origem da Filosofia na Grécia Antiga, entre seus maiores representantes, encontramos uma referência interessante em Aristóteles. Para ele, a Filosofia parte de uma profunda inserção do homem no mundo, o que significa o reconhecimento da alteridade, do outro. Aqui está, para Aristóteles, o início da Filosofia. Eis o que ele escreve em sua "Ética à Nicômaco":

*Foi, com efeito, pela admiração que os homens assim hoje como no começo foram levados a filosofar, sendo primeiramente abalados pelas dificuldades mais óbvias, e progredindo em seguida pouco a pouco até resolverem problemas maiores: por exemplo, as mudanças da lua, as do sol e dos astros, a gênese do Universo. Ora, quem duvida e se admira julga ignorar. Por isso, também quem ama os mitos é, de certa maneira, filósofo, porque o mito resulta do maravilhoso. Pelo que, se foi para fugir à ignorância que filosofaram, claro está que procuraram a ciência*

*pelo desejo de conhecer, e não em vista de qualquer utilidade (Aristóteles. 1979b:14).*

Da *ad-miração*, do olhar para, surge a Filosofia e esta, enquanto amor pelo saber, evoca a dimensão pedagógica de conduzir para fora e reorganizar a experiência inteira do aprendiz. O espanto atrai o olhar porque vê além de si, vê o outro. O outro está para além do eu, em sua manifestação, como o que é novo, ainda descaracterizado, descarado, indefinido. A reação do eu perante a novidade é de desconcerto, de desestabilização, pois "o que é isso?", indaga-se o eu. "Não sou eu. Daí, ser tão estranho". O eu não consegue facilmente, ou talvez não queira (?) (talvez seja demais querer!), se ver pelo outro. Mas, o olhar do eu é necessariamente um olhar egocêntrico, não egoísta, mas centrado e orientado desde si. Por isso o desconforto do susto é superado pela assimilação do outro, pelo enquadramento desse outro pelo eu. Aqui o eu reassume seu sentido, pois, de fato, o outro é estranho mesmo! O professor, como um outro, provoca o estranhamento do aluno. Tal estranhamento pode mobilizar para a sedução do aprender. O primeiro momento do encontro é marcado pela diferença, que é reconhecida e identificada imediatamente. Nesse momento, opera-

se um distanciamento entre o professor e o aluno, e isso já propicia a aproximação, pois os referenciais são definidos nos próprios professor e aluno. Desse modo, torna-se possível o direcionamento de toda ação entre o professor e o aluno.

Até a manifestação do outro não havia senão a mesmice que se caracteriza pela ausência de variedade, pela inalterabilidade, pela identidade plena. Nesse caso, pode-se questionar a existência do eu. O que seria o eu nesse estado? Aliás, o eu seria de alguma forma? Esse é o momento do desconhecimento do eu por si próprio. Ele não se sabe, não é senão um vir-a-ser. Talvez se possa falar do eu somente como posto, colocado aí, mas não como feitor de si. Tal é o estado do descompromisso, da má fé, apontados por Sartre em sua Filosofia, em que o eu faz sem fazer, realiza sem realizar, assume sem assumir, atua dirigido e, assim, não pode responder por si, pois esse si não existe. A realidade é dada de antemão, surge como pronta e acabada. Nenhuma escolha é feita nem se torna necessária, já que está em ação a pré-determinação, o dever-ser como.

*O caso é o seguinte: na maioria das vezes que a gente está quase fazendo o negócio com uma garota - uma garota que não seja uma prostituta nem nada, evidentemente ela fica dizendo para a gente parar. Meu problema é que eu paro. A maioria dos sujeitos não pára, mas eu não consigo ser assim. A gente nunca sabe se elas realmente querem que a gente pare, ou se estão apenas com um medo danado, ou se estão pedindo que a gente pare só para que, se a gente continuar mesmo, a culpa seja só nossa, e não delas (Salinger. O apanhador no campo de centeio, p. 32).*

### Educação e admiração

A atuação do professor não é somente sedutora, mas também decepcionante, porque não se resume em justificar o que o aluno é e o que acredita saber. Nesse sentido, cabe ressaltar aqui que a sedução não é o único objetivo ou a única variável da educação, mas um procedimento possível e talvez necessário. Certamente é algo significativo que os educadores podem considerar. A desestabilização também tem seu lugar e sua pertinência. Porque a *ad-miração* é a percepção do outro, de algo a mais do que o eu que, desse modo, ganha reconhecimento, auto-reconhecimento pelo outro. O eu obtém consciência de si no para si, isto é, pelo outro. Ao desconhecer, o eu se conhece e se afirma enquanto se nega. O eu é naquilo que não é.

Professor e aluno ensinam e aprendem mutuamente pelo estabelecimento da relação, da

dualidade integradora que aponta para a própria essência do conhecimento, isto é, o de ser relacional.

O eu é identificado em si precisamente pelo que o contradiz, pelo que dele destoa, pelo que se diferencia. O eu é individualizado pela relação com o outro, pela coletivização. Por esse processo, cria-se a possibilidade e a necessidade de escolher, da liberdade que é criada, pois, ao contrário da afirmação de que o eu perde sua liberdade por causa do outro, é exatamente devido à presença do outro que o eu pode ser livre. Na solidão, do que e de quem se está livre? Em sociedade, limites precisam ser assumidos inclusive para guiar os próprios desejos. A aquisição da consciência de si marca para o eu o rompimento com uma totalidade homogeneizante e indiferenciada. Não é mais o destino prefigurado pelos deuses que ordena a existência do eu, mas tem-se agora a construção empreendida pelo eu no *lógos*. Admirar é perguntar-se, é saber-se indagador e ser construtor do fazer. Sem o outro não há indagação e perceber o não-eu, o tu, é descobrir o próprio eu.

Não há encontro sem abandono prévio, pois trata-se de um perder-se para encontrar-se. Contudo, o abandono total é quase inviável. O que ocorre é que cada um distancia-se o máximo possível de sua margem. Vai até onde vê seu referencial. Quando este é perdido de vista, resta a outra margem. Aqui não se está em lugar nenhum. É este exatamente o ponto de encontro, ou seja, uma nova referência, agora com a presença do outro. Se o eu identifica-se pela diferença do outro, a eliminação da diferença e a fixação da identidade, do ser como, gera a anulação do outro e do próprio eu. É oportuno mencionar de passagem que toda ditadura se constrói sobre a identificação de todos em um só. Por isso, para Narciso, tudo o que não é espelho é feio! (Cactano Veloso). Preservar a diferença é preservar a identidade, nutrir o eu pelo outro, mas também preservar o desconhecimento, a incerteza e a necessidade de investigar. Isso não contribui para o exercício de uma vida calma, mesmo porque, nesse caso, a realidade do eu não é a redução do outro a si. O conflito posta-se como algo perene.

### Professor e aluno definem-se pela relação

Professor e aluno perdem-se para se encontrarem e o encontro envolve novas perdas, pois ambos precisam manter o que são porque se desaparecerem um no outro perde-se-á, ao mesmo tempo, a relação. O admirado olha para fora, para a alteridade, para a possibilidade do diverso, e este precipita a dúvida: *Duo habes*, há dois. Aqui reside a possibilidade da escolha, porque coloca o incerto. A dúvida é a

ameaça, o questionamento da ordem estabelecida e vigente, pois é a indicação da diversidade como algo viável. Com a dúvida, a outra opção torna-se possível. A mesmice é enfrentada pela relativização de sua posição. Faz-se necessário empreender algo a respeito da outra possibilidade. Talvez ela não passe de puro delírio, mas percebê-la é reconhecer-se como singular em relação a ela. Sua mera recusa revela necessariamente a posição que está sendo defendida e assumida. O desafio é maior se se vislumbrar alguma pertinência na outra posição. Apesar de tudo, a negação da alternativa e sua superação, ainda se tem a afirmação da própria alternativa. A negação não é absoluta, pois por ela algo se afirma e, além disso, afirmar-se a partir de uma possível nulidade implicaria pleitear pouca ou nenhuma sustentação.

Não há professor sem aluno e nem aluno sem professor. Ocorre que também por isso ambos deixam de ser o que podem ser. O conflito está instaurado e não pode e nem deve ser totalmente dirimido. Várias posturas pedagógicas são aqui assumidas quando se decide como lidar com a diferença expressa no conflito e como definir os pólos da relação em suas funções e possibilidades.

### Educação e dialética

O grego antigo, ao buscar a “arché”, a origem do universo, pôs em xeque a crença nos deuses como organizadores e formadores do cosmos e estabeleceu o conflito do qual ele mesmo não pode furtar-se:

*Os gregos, entre os quais Tales subitamente destacou tanto, eram o oposto de todos os realistas, pois propriamente só acreditavam na realidade dos homens e dos deuses e consideravam a natureza inteira como que apenas um disfarce, mascaramento e metamorfose desses homens-deuses. O homem era para eles a verdade e o núcleo das coisas, todo o resto apenas aparência e jogo ilusório. (...) Mas Tales dizia: “Não é o homem, mas a água, a realidade das coisas”, ele começa a acreditar na natureza, na medida em que, pelo menos, acredita na água (Nietzsche, 1996:45).*

A dialeticidade do real e de todas as suas manifestações pede uma postura distinta perante os fatos do mesmo real. A compreensão unívoca dos acontecimentos pode esconder o emprego de conceitos e de categorias não menos unívocos.

Em sua *Ética a Nicômaco*, Aristóteles diz que o prazer e a dor são duas realidades bem distintas, mas quem procura uma está fadado a encontrar a outra. Deve-se considerar que alguns determinam o único modo do prazer acontecer. Isso significa que uma pessoa pode definir para si o que é prazer e como este deve ser. No caso de não se reconhecer uma

manifestação diversa do prazer como viável, operar-se-á um simples descarte dessa expressão. Com isso, restringe-se a chance de se ter e ser mais. Kant escreveu certa vez que, se não soubéssemos tantas coisas, provavelmente sofreríamos menos, mas isso também acarretaria a aceitação do que fôssemos como sendo muito. O pouco pode ser satisfatório encarado como bastante e suficiente, porém não significa que se trate de o todo possível. O estado de ignorância é muito mais do que desconhecer a realidade, é, na verdade, possuir uma visão única e exclusiva da realidade. Uma visão dita parcial da realidade é, sem dúvida, uma visão da realidade e que capta a verdade dessa realidade. O problema dessa visão é pretender-se plena, total. Aprender é também desaprender, pois o aprendido jamais é a totalidade. Por outro lado, desaprender é aprender, porque opera-se a abertura para a totalidade.

*O bem-conhecido em geral, justamente por ser bem-conhecido, não é reconhecido. É o modo mais habitual de enganar-se e de enganar os outros: pressupor no conhecimento algo como já conhecido e deixá-lo tal como está. Um saber desses, com todo o vaivém de palavras, não sai do lugar - sem saber como isso lhe sucede (Hegel, 1992:37).*

Hegel lembra, em outra passagem da mesma obra citada acima, que o verdadeiro é o todo. Mas, quem pode apontar o todo? A resposta está na relação do eu com o outro. Aqui a totalidade está se estabelecendo enquanto abandona o isolamento. Em sua obra “*A República*”, Platão descreve, no Livro VII, a situação de homens que viviam numa caverna. Para esses estranhos habitantes da escuridão, as sombras são a realidade e nada além disso pode ser real. No entanto, um deles foi retirado do meio dos demais e, após delicado e longo processo de contemplação do exterior da caverna, na luz mais plena, retorna e é ameaçado pelos que permaneceram e tem de fugir para salvar-se. Aquele que retorna tem o problema de fazer os outros verem o que ele viu. Ele também se depara com o outro. Os que estão no interior da caverna enfrentam o problema de o que fazer com a proposta de uma outra realidade que, pior ainda, é apresentada como melhor e mais perfeita. Para os acorrentados, o outro está errado, pois eles estão certos. Afinal de contas, como o outro também poderia estar certo? Se isso for possível, então a nossa posição não é somente de verdade ou a verdade pode estar também além, fora. Vale citar que a maioria dos diálogos platônicos ocorre dentro da cidade.

Aristóteles, por sua vez, afirma que o *lógos* habita os muros da cidade. Por conseguinte, do lado de fora habita a barbárie, a fala estranha, o que não é, e que

somente vem a ser na medida em que é assimilado e/ou assimila a mesmice, tornando-se como o eu. Nesse sentido, ser é desaparecer, é deixar de ser. Mas, nessa visão, o não ser não pode deixar de ser porque, na verdade, não é. Ainda o próprio deixar de ser já indica que não se é.

Por outro lado, se o eu não percebe o outro, não reconhece nada além de si mesmo, então não pode nem mesmo se perceber. Contudo, ao operar o desdobramento sobre si mesmo, afirmará a alteridade em si, sendo, desse modo, outro de si em si mesmo. Torna-se o que é pelo deixar de ser o que é. O professor não é a instância afirmadora do conhecimento. O aluno não é, por sua vez, a nulidade do conhecimento. Portanto, não se trata de despejar o saber e de unicamente recebê-lo. A condução operada pelo pedagogo sugere o acompanhamento e este significa estar junto de, ao lado, caminhando com. O caminho é feito nesse caminhar.

### **Filosofia, educação e admiração: questão de utilidade?**

Admirar-se é indagar; e fechar-se às perguntas significa a manutenção ferrenha das respostas obtidas uma vez. A resposta definitiva impossibilita as mudanças e transforma as perguntas em confirmadoras da resposta já dada. O próprio viver, nesse contexto, fica esclerosado, determinado (o término é dado), definido (dá-se o fim). Aqui o viver se impõe ao vivente e, de tal modo, que este último passa a ser secundário e sua existência não se constitui em qualquer diferença.

Foucauld escreveu, em “Vigiar e Punir”, que o olho foi feito para ver, mas somente vê quando é visto. O olho se percebe olhando. Volta-se a si pela ida além de si. De igual modo, a busca do saber revela a ignorância, visto que não se buscaria o que já se acreditaria possuir. Do reconhecimento da ignorância brota a condição de superá-la, pois o ignorante é o que é por não se reconhecer ignorante. Saber-se ignorante já situa o despontar do próprio saber. Tanto professor quanto aluno estão muito próximos de si mesmos, isto é, compreendem-se a partir de si mesmos. Isso dificulta a análise da própria prática. O professor enfrenta o desafio de rever sua atuação pela repercussão dessa no aluno. Ao aluno cabe reorganizar sua própria experiência e reconhecer as marcas das particularidades.

Adviria de tudo o que foi dito uma possível utilidade da Filosofia? Afinal, ela serve para alguma coisa? Deve-se perguntar o que significaria ser útil. Qual o propósito que sendo servido legitimaria e daria validade de útil a algo? A utilidade está no

sujeito que utiliza ou no objeto utilizado? Via de regra, a utilidade remete ao momentâneo, ao descartável. Agora pode ser e depois não mais. Aristóteles sugere o paradoxo da utilidade de Filosofia, segundo o qual, afirmar a inutilidade da mesma exige o emprego da atividade filosófica.

*Todos os homens têm, por natureza, desejo de conhecer: uma prova disso é o prazer das sensações (...)* (Aristóteles, 1979b:11).

Educar para quê? O que se procura em última instância? O objetivo é uma determinada constituição de homem que corresponda aos anseios de uma sociedade mais justa e equilibrada, pois, assim, garante-se o direito à existência para todos os homens. Ora, isso é objetivado porque outros resultados são possíveis e talvez esses não sejam os mais adequados. Além disso, uma atuação formal reconhece que outros meios de educação estão presentes numa sociedade. Portanto, cabe tomar a iniciativa e convencer a sociedade sobre o melhor em relação às outras possibilidades.

A Filosofia é fruto do desejo de conhecer e o desejo é sempre da alteridade, pois seu fim, sua satisfação não pode ser demarcada, enclausurada definitivamente. A educação é provocação do desejo de conhecer. O desejo jamais se realiza no presente, pois quem consegue o que busca sabe que o objeto da busca não é o que se tem, mas sim a representação de algo maior e melhor. O desejo satisfeito encontra na posse a representação do que é trazido para o aqui, mas que definitivamente está lá. O desejo dança no presente entre o passado e o futuro. O que se deseja não é somente o que se teve e nem o que se tem, mas também o que se terá. Conforme Gusdorf, somos o que não somos e não somos o que somos. Desse vazio do ser, que jamais é preenchido, surge a manifestação do ser. A certeza do saber é de nada saber (Sócrates). Se o útil preenche o momento de forma autômata, a Filosofia sabe que o conhecer somente pode acontecer se for buscado e desejado sempre. O saber não se estabelece primordialmente na memória, mas na procura e na paixão pelo mesmo saber. E a paixão sempre quer mais!

### **Referências bibliográficas**

- Aristóteles. *Ética a nicômaco*. Trad. Leonel Vallandro e Gerd Borhein. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Col. Os Pensadores).
- Aristóteles. *Metafísica*. Trad. Vincenzo Cocco et al. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- Salinger, J.D. *O apanhador no campo de centeio*. Rio de Janeiro: Ed. do Autor, [19--].

Nietzsche, F. *A filosofia na época trágica dos gregos in pré-socráticos*: fragmentos, doxografia e comentários. Trad. José Cavalcante de Souza *et al.* São Paulo: Nova Cultural, 1996.

Hegel, G.W.F. *Fenomenologia do espírito*. Trad. Paulo Meneses e Karl-Keinz Efkken. Petrópolis: Vozes, 1992.

Platão. *A república*. Trad. Leonel Vallandro. Rio de Janeiro: Globo, 1994.

Platão. *Defesa de Sócrates*. Trad. Jaime Bruna *et al.* São Paulo: Nova Cultural, 1987.

*Received on February 22, 2000.*

*Accepted on March 30, 2000.*